



LAZER DA/NA FLORESTA: AS PRÁTICAS DE LAZER DOS MORADORES E VISITANTES DA ILHA DO COMBU BELÉM-PA

Douglas Carvalho Rocha¹
Lucília da Silva Matos²

RESUMO

O artigo tem como objetivo conhecer a realidade cultural de lazer da Ilha do Combu em Belém-Pa. Desenvolveu-se pesquisa de campo com observação e entrevistas semiestruturadas. Verifica-se uma cultura lúdica próprias do cotidiano de lazer dos moradores, decorrente do diálogo com a natureza e os visitantes, trazem hábitos arraigados de sua cultura urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer da floresta; Lazer na floresta; Ilha do Combu.

INTRODUÇÃO

Belém é uma cidade de cheiros, sabores e ritmos que dão um significado diferenciado ao tempo disponível para o lazer, com a presença marcante da culinária regional exótica: o tacacá, a maniçoba, o pato no tucupi; das frutas perfumadas e saborosas: o açaí, o cupuaçu e o bacuri; das músicas e danças: o carimbó, o siriá, o lundu, o boi e o brega; dos folguedos populares, como os cordões de pássaros das festas religiosas, das aparelhagens de som que anunciam o início das “ruas de lazer” e das festas, dos jogos e das brincadeiras que se organizam nas ruas. Essa mistura faz da moça Belém, uma cidade única, plena de charme e tradição (MATOS, 2001).

Essas características que dão a Belém esse tom peculiar são também resultantes da cultura vivida nas dezenas de ilhas que compõem a sua geografia. Segundo levantamento feito pela Companhia de Desenvolvimento de Belém (CODEM), a cidade de Belém é cercada por 39 ilhas, por isso é considerada a cidade do Brasil com maior número de ilhas, como segue a citação: “nenhuma cidade do Brasil apresenta tão numeroso constelário de ilhas como Belém”, de fato, é notório perceber a cidade cercada por todos os lados de

¹ Licenciado em Biologia. Estudante de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Pública do Turismo e do Lazer (FIPAM/NAEA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Lazer e Ludicidade na Amazônia. E-mail: doug_carvalho@outlook.com

² Professora do Curso de Especialização “FIPAM XXV: Planejamento e Gestão Pública do Turismo e do Lazer” do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará (UFPA/Campus Belém); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –(PUC-SP) e líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Lazer e Ludicidade na Amazônia - MOÇARAI; lucíliasmatos@gmail.com .



horizontes verdes, que despertam a curiosidade de quem observa (MOREIRA, 1966, p.27 *apud* DERGAM, 2006, p.18).

Dentre essas ilhas encontra-se a Ilha do Combu, localizada às margens do rio Guamá, a aproximadamente 15 minutos da capital, em trajeto realizado por embarcações. A Ilha foi transformada em Área de Proteção Ambiental (APA)³ pela Lei nº 6.083, de novembro de 1997, e tem características tipicamente tropicais, com áreas de várzea e de terra firme, e onde predomina a existência de espécies de fauna e flora típicas da Amazônia, entre as quais o açaí, que é abundante na região e a principal fonte de subsistência dos moradores (BATISTA, 2011).

Segundo Dergan (2006), atualmente há na ilha cerca de 230 famílias, que constituem uma população de aproximadamente 985 pessoas, sendo 516 mulheres e 469 homens, em sua maioria jovens na faixa etária entre 16 e 30 anos. Esses números indicam que há poucos moradores, uma vez que a ilha engloba uma grande faixa territorial. No entanto, nos fins de semana, e principalmente durante as férias de julho, percebe-se um aumento significativo de pessoas que vão visitar a ilha em busca de lazer, em meio às belezas naturais e divertimento que esta área de floresta de várzea proporciona.

Diante desse fato surgiram algumas indagações: quais são as formas de divertimento dos moradores da Ilha do Combu? Quais os espaços/equipamentos de lazer existentes na ilha? Até que ponto as práticas de lazer da cidade do outro lado do rio (Belém) influenciam as práticas de lazer na Ilha? A ilha é procurada por visitantes para quais tipos de práticas de lazer?

A partir de tais questões objetivamos conhecer a realidade cultural da Ilha, visando levantar e analisar as atividades de lazer praticadas no cotidiano pelos seus moradores e também realizadas por visitantes, a fim de sistematizar tais práticas e construir subsídios para novos estudos, pesquisas e proposições de políticas no âmbito do lazer e turismo na Ilha do Combu.

Buscando respostas para estas indagações, situaremos o lazer como a principal categoria social desta pesquisa, a partir do entendimento deste como um fenômeno

³ De acordo com o SNUC, Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000) classifica como APA (Área de Proteção Ambiental), áreas geralmente extensas, com um certo grau de ocupação humana, dotadas de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais, especialmente importantes para a qualidade de vida e bem-estar das populações ali existentes. Tem como objetivo básico proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.



sociocultural surgido na modernidade, e resultante de disputas e contradições sociais próprias da sociedade capitalista, vivenciado no tempo disponível entre as obrigações familiares, de trabalho, fisiológicas, mas sempre influenciando e sendo influenciado por estas. As práticas culturais vividas no tempo/espaço disponível (físico-esportivas, artísticas, manuais, intelectuais, sociais e turísticas), em geral se caracterizam como de livre escolha dos sujeitos e são praticadas pelo prazer que podem proporcionar (MARCELLINO, 2002; MELO, 2006).

O lazer é reconhecido hegemonicamente como expressão da cultura nas sociedades urbanas. E nesta pesquisa estamos interessados em entender também como ele é vivido pelas comunidades ribeirinhas da Amazônia, visto que estas têm especificidades em suas relações sociais.

CAMINHOS PERCORRIDOS NAS ÁGUAS QUE NOS CONDUZEM E BANHAM A ILHA DO COMBU

Este artigo refere-se à sistematização dos resultados de uma pesquisa de campo que teve como principal *locus* a Ilha do Combu, mas o olhar esteve direcionado especificamente para o cotidiano de lazer dos moradores e dos visitantes da Ilha.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Teixeira (2010), tem as seguintes características:

O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização; a pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação; a pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo; o enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere à pesquisa bastante flexibilidade; a pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados (TEIXEIRA, 2010, p.137 - 138).

Nesta perspectiva, procuramos evidenciar o significado do lugar, sob a ótica dos sujeitos interlocutores da pesquisa, a subjetividade dos respectivos modos de vida e percepção do mundo e as relações entre o homem e a natureza, no sentido de identificar as formas de lazer e quais os sentidos e significados dessas experiências para o ambiente que habitam ou frequentam, visando conhecer e analisar o cotidiano da floresta a partir das práticas de lazer vivenciadas pelos moradores e visitantes.

A ilha é entrecortada pelos chamados “furos”, que cumprem a função de estreitos caminhos que dão acesso aos espaços internos da ilha. A pesquisa de campo foi realizada mais precisamente no furo da Paciência, adotando-se como critério de escolha o fato de que



neste local encontram-se os dois maiores e mais visitados restaurantes da ilha, e de haver outros pequenos restaurantes ao longo desse furo.

A pesquisa possui um caráter exploratório, que, segundo Gil (1999, p. 43), “visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo; e possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores”. Desta forma, a pesquisa exploratória tem a finalidade de investigar algo pouco conhecido, em que o pesquisador procura familiarizar-se com o objeto pesquisado, neste caso, as práticas de lazer na ilha do Combu, na perspectiva de que ao final da exploração o pesquisador formule as hipóteses que permitam aprofundar o conhecimento sobre o tema, e assim possa buscar referências sobre o campo da pesquisa e sobre o objeto de estudo.

Na primeira etapa da pesquisa (novembro e dezembro de 2014), desenvolvemos um processo de observação do cotidiano vivido a partir de um roteiro previamente elaborado. Tivemos a oportunidade de visitar a ilha para um primeiro reconhecimento, seja frequentando alguns restaurantes, seja indo aos locais de moradia dos nativos da Ilha. O processo de observação foi registrado em diário de campo.

Na segunda etapa da pesquisa (janeiro de 2015), também utilizamos como técnica metodológica as entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro previamente elaborado.

Os interlocutores entrevistados foram identificados pelas seguintes características: Entrevistamos 10 moradores da ilha, 10 visitantes da ilha e 03 proprietários dos restaurantes.

A ILHA DO COMBU COMO OPÇÃO DE LAZER: LIMITES E POSSIBILIDADES

A ilha do Combu tem se caracterizado como uma das opções de lazer na cidade de Belém. O próprio deslocamento da cidade para a Ilha permite que a maioria dos visitantes tenha contato com paisagens e sensações diferenciadas das que têm no seu diaadia, pois a única forma de deslocamento para a Ilha é o transporte fluvial, por meio de pequenas embarcações coloridas que partem do trapiche localizado na Praça Princesa Izabel, no bairro da Condor, em Belém. Ali então começa o passeio de barco que dura aproximadamente 15 minutos, dependendo da maré, e custa, em média, R\$ 4,00 (quatro reais) por pessoa.

Segundo Batista (2011), a ilha do Combu é a maior produtora de açaí da região insular de Belém (PA), localizada ao sul da cidade, a aproximadamente 1,5 km, e tem como espaço territorial cerca de 15 km, pertencente ao Distrito de Outeiro(DAOUT).Nesse contexto,



podemos observar que a sua população é batizada como parte integrante da chamada comunidade ribeirinha⁴, e o seu ecossistema característico da várzea, que sofre influência direta das marés e dos rios. A ilha recebe turistas de toda parte do Brasil e do mundo, e possui um ambiente natural paradisíaco, que reúne a fauna, a flora e lugares pitorescos.

Em poucos minutos pode-se chegar do outro lado da margem do rio Guamá, tendo a oportunidade de se deparar com uma realidade totalmente diferente, pois ali se encontra um pedaço da floresta amazônica, cuja paisagem destaca-se pelo colorido das águas barrentas do rio, do verde da mata, dos animais, das casas dos moradores e pelos trapiches e restaurantes localizados nos furos que dão acesso à Ilha do Combu. Nos finais de semana, principalmente, o número de embarcações particulares (lanchas e *jetski*) e de transportes de visitantes (barcos e lanchas) aumenta consideravelmente, trazendo pessoas que desejam ter um maior convívio com a natureza, degustar iguarias amazônicas oferecidas pelos inúmeros restaurantes, e a fim de conversar e relaxar em meio à floresta, na beira do rio, de onde se pode visualizar a cidade.

Por outro lado, os moradores da floresta ou aqueles que vivem à beira-rio na Amazônia, entre os quais se incluem os moradores da ilha do Combu, acessam as práticas de lazer a partir de suas condições socioambientais: na relação com os recursos oferecidos pela floresta, o fluxo das marés e a natureza em geral. Assim, a sua relação trabalho/lazer se dá em patamares diferenciados, da forma como o lazer acontece para a maioria das pessoas que vive nos centros urbanos.

Sabemos que na modernidade, principalmente a partir do século XIX, houve uma mudança de enfoque determinante para a compreensão das práticas lúdicas que aconteciam no cotidiano da sociedade urbano-industrial. Se por muito tempo a dimensão de tempo/espço teve a natureza como determinante das relações socioculturais, sem haver necessariamente uma ruptura dos tempos de trabalho com os de festejos e outras práticas lúdicas, com as mudanças no âmbito do trabalho e das novas formas de organização social, que passam a se constituir com o acirramento do capitalismo, o tempo de referência deixa de ser o da natureza e passa a ser o tempo artificial dos relógios da fábrica, do trabalho etc. É nesta perspectiva que surge a categoria lazer, e este passa a ser visto como tempo/espço propício para vivências e diversas experiências classificadas como não pertencentes ao mundo do trabalho,

⁴ Grupos ou comunidades tradicionais, que vivem nas margens dos rios da Amazônia.



de modo que essa passa a ser a referência hegemônica, principalmente nas modernas sociedades urbano-industriais.

Como afirma Werneck (2003), o lazer surge nas sociedades urbano-industriais a partir de um período histórico (modernidade) em que se passa a valorizar a força de trabalho para o acúmulo de capital, e logo se percebe e se reivindica uma menor jornada de trabalho para usufruir o tempo livre para o lazer. A partir de então, o lazer foi se constituindo como um fenômeno social, que também passou a ser estudado e, como resultado, tem-se uma série de pesquisas e publicações que vêm tentando dar conta das diversas problemáticas que emergem das práticas de lazer nas sociedades modernas.

Embora essa visão de tempo para as práticas lúdicas passe a ser a referência hegemônica, ela não é monolítica, de modo que existem experiências diversificadas nas comunidades em que as práticas de lazer e a relação entre lazer e trabalho se configuram em perspectivas diferenciadas, como é o caso de muitos moradores da Ilha do Combu.

Essa questão nos remete a refletir sobre como essas práticas de lazer vêm se dando em áreas que ainda são preservadas. Percebemos que muitas vezes, por falta de uma educação para e pelo lazer (Marcelino, 2003), ou seja, usando o lazer como ferramenta de educação, possibilitando um olhar crítico para as atividades ou a falta delas, a escolha de opções variadas em que o lazer possa trazer um maior desenvolvimento social para os que os vivenciam e ampliando a visão crítica com relação ao caráter, muitas vezes, alienado com que a indústria cultural tenta impor seus valores, pois as pessoas chegam a esses espaços de preservação ambiental com hábitos totalmente urbanos, e sem querer entender os costumes e experiências dessas comunidades.

O estudo feito por Dergan (2006) verificou que entre as práticas surgidas a partir da década de 1980 do século XX, as atividades turísticas no Combu forjam, criam e recriam naturezas dos espaços e dos tempos. Neste sentido, podemos perceber um turismo como principal atrativo para o lazer na ilha, mas que também vem carregado de ideologias de quem procura, seja o visitante, o morador ou o dono de restaurante, e logo se mostra o que visitante quer ver, forjam-se ambientes e constroem-se espaços para a atividade turística, porém camuflando culturas e urbanizando ambientes na floresta – aspectos até certo ponto presentes quando conhecemos os grandes restaurantes existentes na Ilha.



Esta é uma característica do turismo e lazer na ilha, e que, pelo fato de ainda não ser massificado pelas propagandas televisivas e grandes agências de turismo, poderia ser estruturado de forma diferenciada, tendo como referência o turismo de base comunitária.

Segundo Tavares (2010), o turismo de base comunitária coloca em jogo o território e as relações da sociedade com a natureza, não podendo ser formulado sem levar em consideração o contexto, as práticas ambientais e os saberes dos atores sociais presentes nos territórios recortados para a implementação de ações voltadas para a atividade turística. Nesse sentido, devem-se formular políticas públicas abrangentes, que levem em consideração principalmente a realidade do lugar e os atrativos culturais neles contidos, para que se possa ter a identificação com o que se mostra a quem busca a atividade turística e de lazer, de forma que haja mobilização e empenho dos atores sociais na perspectiva de atividades sustentáveis, ou seja, que a forma de desenvolvimento da atividade turística e de lazer não seja degradante e nociva apenas para o ambiente, mas também para os habitantes locais. Muitas vezes essas práticas são nocivas para as comunidades que têm um plano de desenvolvimento de turismo pensado de forma exógena, fora do contexto local, e que possa vir a mascarar o ambiente para mostrar não a sua realidade, mas o que o turista quer ver ou o que rende para o mercado do turismo, fabricando ou modificando o que é tido ou pensado como tradicional, em meio a comunidades com padrões e modos de vida específicos, como na ilha do Combu.

Segundo Bahia *et al.* (2008), é importante ressaltar que categorias como lazer e turismo são complementares, mas não significam a mesma coisa, pois a compreensão de lazer remete a uma amplitude de outros conteúdos culturais. Já para Villaverde (2003), parece razoável admitir que a atividade turística esteja inserida num universo mais amplo, o do lazer, o que torna imprescindível discuti-los conjuntamente. Nesta perspectiva, podemos observar que as duas categorias estão entrelaçadas, principalmente pela vivência em áreas de preservação da natureza, como no caso deste estudo, pois na ilha do Combu utiliza-se o turismo como ferramenta de lazer nos espaços que a ilha oferece.

Em pesquisa recente na *internet*⁵, consultamos os *sites* de restaurantes e agências de viagens, e constatamos que ainda não existe um roteiro turístico ou mesmo divulgação por parte de órgãos públicos para o turismo e lazer na ilha do Combu. Apenas poucas empresas de

⁵ Informações disponíveis em: <www.miritipousada.com.br>; <www.tripadvisor.com.br>; <www.saldosamaloca.com.br>. Acesso em: 23 jan. 2015.



turismo oferecem passeios nos arredores de Belém, em que os visitantes nos navios têm somente uma visão panorâmica do entorno da Ilha.

Uma das grandes dificuldades destacadas pelos interlocutores da pesquisa para a prática mais estruturada de turismo e lazer na Ilha é o deslocamento. A principal forma de acesso à ilha é através de pequenas embarcações conduzidas por barqueiros que fazem a travessia a partir da Praça Princesa Izabel, no bairro do Condor. No entanto, a praça encontra-se em péssimas condições, abandonada, suja, com algumas áreas invadidas pela vegetação, e vem servindo de abrigo para moradores de rua, com relatos de assaltos frequentes, de modo que o ambiente se torna soturno, não havendo nenhum tipo de segurança para as pessoas que pretendem embarcar para a ilha do Combu ou para qualquer outro destino. Diante desses fatos, alguns proprietários de restaurantes localizados na margem da Ilha vêm assumindo o pagamento de seguranças para ficarem na praça, principalmente nos finais de semana, para não perderem a sua clientela.

O turista ou visitante que deseja conhecer à Ilha, na maioria das vezes terá que fazê-lo por conta própria, correndo todos os riscos que a travessia oferece. Percebe-se a falta de políticas públicas de acesso ao local.

É nesta lógica que buscamos um olhar crítico, com relação aos indivíduos envolvidos nesta pesquisa realizada na “Ilha do Combu”, tanto os seus moradores quanto os visitantes, pois, se por um lado as experiências vividas pelos moradores do Combu estão cercadas de significados próprios da cultura ribeirinha, referentes às práticas cotidianas e ao seu modo de vida. Por outro lado, percebemos que o modismo e a falta de conhecimento sobre o modo de vida dos moradores locais estão presentes no uso do espaço do rio e do entorno da Ilha, daí a necessidade de entender como os visitantes desenvolve suas atividades de lazer na Ilha.

LAZER DA FLORESTA: AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU

Segundo Batista (2011), o ribeirinho, enquanto categoria designativa favorece a identificação de elementos definitórios como: modos de vida, aproveitamento e exploração de recursos naturais, ocupação e apropriação do território, identidade cultural simbólica, crenças e valores. Nesse contexto, os moradores da Ilha do Combu, têm uma cultura ribeirinha que o define na sua relação com o lugar, no sentido e significado que dá a este, características específicas e um modo de vida próprio e diferenciado dos que moram na cidade de Belém e também em outros lugares.



A principal atividade econômica da Ilha é o extrativismo, que também é o principal meio de subsistência da população ribeirinha, que caracteriza uma relação direta e íntima com a natureza, levando-os a definir o seu tempo de não trabalho e as práticas de lazer diferenciados das pessoas que vivem no ambiente urbano.

Neste sentido, classificamos como o lazer “da” floresta as práticas e as experiências de lazer das pessoas que moram na Ilhado Combu que, portanto, usam os espaços em vivências de lazer historicamente construídas na cultura dessa comunidade. Por outro lado, classificamos como o lazer “na” floresta, as práticas e experiências dos visitantes da Ilha do Combu, uma vez que as formas de lazer se limitam aos espaços dos restaurantes e a práticas ainda bastante urbanizadas.

Não distante da cidade de Belém e das influências trazidas pela urbanidade, os moradores da ilha, cercados pela natureza, usam os elementos e coisas que esta proporciona para as suas práticas de lazer, por exemplo, tomar banho no rio é uma prática muito comum.

Aqui não tem muita opção não, então agente inventa, toma banho no rio, às vezes vai ali pro bar pra beber uma com os conhecido, joga bola às vezes quando dá, também gosto muito de assistir jogo na televisão [...] e também gosto das festa que tem aqui à noite, lá no Ilha Bela sempre tem festa.(Morador do Combu, 23anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Nas observações em campo e nas entrevistas identificamos as principais práticas de lazer dos moradores, dentre as quais se destacam as festas religiosas, os torneios de futebol, os jogos escolares, as brincadeiras, conversas e contemplação da natureza e as manifestações culturais dos grupos folclóricos.

Podemos observar nas falas dos interlocutores que o rio tem um significado importante com relação à vida das crianças, mas também dos adultos, que fazem dele o seu principal meio para o lazer, seja na contemplação da paisagem ou nas brincadeiras.

Saio com meus amigos aqui da ilha pra conversar, tomar banho no rio, apanhar fruta, namorar, ir pra festa que tem de vez em quando, é isso, eu gosto das pessoas daqui(Morador do Combu,19 anos., Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Como nos diz Souza (2008), a primeira referência da vida ribeirinha relaciona-se à dinâmica e aos cursos fluviais da Amazônia. Sua importância revela a sobrevivência e o desenvolvimento de várias localidades que são entremeadas pelas águas, pois é por meio delas que a cotidianidade se reproduz material e imaterialmente. Através dos cursos fluviais se



especializam sonhos, desejos, encontros e modos de vida, e o homem amazônida cria os seus próprios mecanismos de usar o espaço e o tempo de trabalho e de lazer.

Nesse sentido, muitas práticas de lazer vividas têm o rio como referência, visto que este está relacionado ao cotidiano das pessoas que habitam a ilha do Combu. Logo, o rio torna-se um dos principais espaços para a vivência de diversas atividades de lazer.

Mas, percebe-se também que devido à falta de equipamentos, de espaços específicos e à ausência de uma política de animação cultural que valorize os saberes e as práticas tradicionais da Ilha, há uma forte influência das práticas culturais urbanas, descontextualizadas da dimensão cultural da Ilha, como em alguns eventos organizados neste ambiente:

[...] Sou contra umas *raves* que acontecem aqui porque é muita droga, prostituição, tudo que não presta. As pessoas vêm de Belém fazer festa, não é morador da ilha não, são empresários de Belém que vêm. Às vezes dura dois dias; todo mundo sabe que tem. Mas tem também as festas de aparelhagem, que é muito bacana, em alguns restaurantes na beira do rio que acontecem (Moradora do Combu, 26 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Neste sentido, o lazer “da” floresta acaba sofrendo ações exógenas, e trazendo consigo prejuízos para a juventude, uma vez que algumas festas de aparelhagem, as *raves* promovidas por empresários e promotores da cidade, acabam servindo para o uso de drogas, prostituição juvenil e um rompimento com a cultura da ilha em suas práticas de lazer.

O LAZER NA FLORESTA: AS PRÁTICAS DE LAZER DOS VISITANTES NA ILHA DO COMBU

Por sua beleza e por estar localizada nas proximidades da cidade de Belém, a ilha acaba sendo uma opção de lazer para moradores da Região Metropolitana de Belém e pessoas que visitam esta cidade.

Nas nossas observações, percebemos que há diversos restaurantes na ilha⁶, para todos os gostos e tipos de públicos. Podemos afirmar que, além da natureza, os restaurantes são os principais atrativos para os visitantes, uma vez que a maioria dos entrevistados passou a visitar a ilha para apreciar o que a culinária amazônica tem a oferecer, em um espaço de

⁶ Os restaurantes e bares na Ilha do Combu são: 1) Netos bar; 2) Ilha Bela; 3) Mirante da Ilha; 4) Paladar da Amazônia; 5) Combu da Amazônia; 6) Saldosa Maloca; 7) Portas Abertas; 8) Maloca da Saudade; 9) Sabor da ilha; 10) Maloca do Pedro; 11) Bar do Buá; e 12) Bar do Chico.



floresta, e ao mesmo tempo na beira do rio, com vista para Belém, o contraste é notório: estar na floresta e olhar uma cidade de concreto, que parece tão longe e tão perto.

No entanto, as atividades do lazer são bastante restritivas, uma vez que não há incentivo para que os visitantes conheçam a ilha como um todo, inclusive acultura da comunidade local. Quando perguntamos aos visitantes se conheciam a Ilha, a resposta foi praticamente unânime – quase todos responderam que não conheciam a ilha, para além dos restaurantes.

Nas nossas observações e entrevistas, verificamos que os pequenos restaurantes são de moradores que dividem o mesmo espaço como moradia e local de trabalho, ou seja, fizeram da sua casa um meio de subsistência. Estes estão localizados principalmente no furo da paciência. Esses moradores comercializam refeições a preços mais acessíveis, e têm um cardápio mais reduzido em relação aos grandes restaurantes. Nos restaurantes menores, observamos que muitos moradores frequentam esses locais.

No ambiente frequentado principalmente por visitantes estão os grandes restaurantes, tendo a beira do rio como palco e a cidade de Belém como vista, e as práticas e equipamentos para o lazer são vendidos a quem pode pagar. Em alguns desses restaurantes, que são os mais bem estruturados e atraem as pessoas de maior poder aquisitivo, observamos a existência de piscina inflável, escorregador e *playground*. Essa estrutura, segundo um dos donos do restaurante, visa dar certa modernidade ao ambiente da floresta e agradar os visitantes.

As principais vivências de lazer dos visitantes entrevistados nesta pesquisa e percebidos durante observação e registro em diário de campo são:

Contemplação da natureza, apreciar pratos típicos (gastronomia), Festa da Combuzada⁷ e a prática de beber, conversar, socializar.

A busca pelo relaxamento, por um refúgio para relaxar e fugir do estresse fazem com que cada vez mais se busque a natureza e espaços verdes para as experiências de lazer, utilizando o espaço para convivência social, contemplação etc. O discurso dos interlocutores visitantes, na maioria das entrevistas, foi a busca pelo contato com a natureza e a fuga do

⁷ A Combuzada é uma festa organizada por estudantes de diversos cursos da Universidade Federal do Pará no restaurante “Maloca da Saudade”, ocorre de quinze em quinze dias, sempre as sextas feiras, uma embarcação sai do trapiche da Universidade e atravessa o rio, os estudantes promovem a festa com o objetivo de beber, conversar, dançar, banhar-se no rio, recitar poemas entre outros interesses.



espaço urbanizado. Esta busca começa já na travessia, ao sentir a brisa da maré e as ondas do rio a bater no casco das embarcações que levam ao espaço de beleza e tranquilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores da ilha do Combu, com todas as peculiaridades que a cultura da floresta propicia, têm suas vivências de lazer baseadas na sua relação cotidiana com o rio, com a floresta, com as festas de santo e com tudo que permeia esse universo de águas em que estão inseridos.

Observou-se que, embora haja uma cultura lúdica muito própria da Ilha no cotidiano de lazer dos moradores, também há certa urbanidade nos hábitos, no que tange às práticas de lazer provenientes da cidade, como as festas de aparelhagem e o constante deslocamento da Ilha para a vivência de lazer na cidade de Belém. Não que isto seja um problema, ao contrário, viver e desfrutar da produção cultural existente é imprescindível. No entanto, percebemos como fundamental o investimento em políticas públicas que potencializem a produção cultural local, que garanta espaços e equipamentos condizentes com o ambiente da floresta, assim como animação cultural que valorize a cultura tradicional das comunidades como uma forma de fortalecimento das identidades locais.

Percebemos que para o morador da Ilha há diversificadas vivências de lazer em diálogo com a natureza, de modo que as práticas lúdicas são reveladoras de identidades específicas, na confluência com as outras dimensões da vida, constituindo, assim, o lazer da floresta. No entanto, também almejam o acesso a alguns equipamentos de lazer.

Com relação aos visitantes, percebemos que estes trazem hábitos arraigados de sua cultura urbana para o ambiente da floresta. E, embora os visitantes desejem ter vivências e experiências de lazer, limitam-se aos espaços dos restaurantes, tanto pela falta de incentivo de animadores culturais da/na ilha, quanto pela falta de uma educação pelo/para o lazer em ambientes que não sejam na cidade. Esses visitantes poderiam aproveitar muito mais o que o ambiente oferece, no entanto, grande parte, têm dificuldades de se despir dos hábitos pré-estabelecidos e procuram viver a cultura da cidade na floresta. Todos esses hábitos, ainda que passem despercebidos, como apreciar pratos sofisticados, bebidas requintadas e os equipamentos de lazer nos restaurantes, fizeram com que constatássemos que há o lazer da cidade “na” floresta.



Diante desse contexto, faz-se necessária a implementação de políticas públicas de lazer e turismo que beneficiem moradores e visitantes. A partir da realidade investigada, sugerimos:

Melhoria no acesso à ilha, tanto para os moradores quanto para os visitantes, com revitalização da Praça Princesa Izabel, reforma nos trapiches, reimplantação do posto de informações turísticas, assim como a contratação de guardas municipais para a segurança do local.

A criação de um roteiro de passeio pela ilha, com dias e horários regulares para a saída de embarcações da praça, em consonância com os moradores da Ilha e donos dos restaurantes;

Criar, políticas de animação cultural, em parceria com os restaurantes, que promovam ações educativas voltadas para e pelo lazer, que valorizem a cultura local, respeite a floresta e permitam maior intercâmbio entre os moradores e os visitantes;

Incentivar a cultura lúdica tradicional da Ilha (brincadeiras, jogos, festas etc.) e a preservação da natureza, como forma de valorizar a produção cultural local.

Construir espaços e equipamentos de lazer, em diálogo com os moradores, para conhecer a real necessidade dos residentes da comunidade, tendo em vista a adequação desses espaços à realidade amazônica.

LEISURE OF / IN THE FOREST: THE PRACTICE OF LEISURE OF RESIDENTS AND VISITORS OF COMBU ISLAND, BELÉM-PA-BRAZIL

ABSTRACT

The article aims to know the cultural reality of the leisure practices of Combu Island in the city of Belém, PA (Brazil). Field research was conducted with observation and semi-structured interviews. There is a very playful culture of the residents leisure daily, arising from the dialogue with nature and visitors, bring ingrained habits of its urban culture.

KEYWORDS: *Leisure forest; Leisure in the forest; Combu Island.*



EL ÓCIO DE LA/EN LA SELVA: LA PRÁCTICA DE ACTIVIDADES DE ÓCIO DE LOS
RESIDENTES Y VISITANTES DE LA ISLA DE COMBU, BELEM-PA, BRASIL.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo conocer la realidad cultural del ocio en la Isla de Combu en Belem-PA, Brasil. La investigación de campo se llevó a cabo con la observación y entrevistas semi-estructuradas. Hay una cultura muy juguetón en el ocio diario de los residentes que surge del diálogo con la naturaleza y los visitantes que llevan hábitos arraigados de la cultura urbana.

PALABRAS-CLAVE: Ócio de la selva; Ócio en la selva; Isla de Combu.

REFERÊNCIAS

BAHIA, M. C.; FIGUEIREDO, S. L. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. *Licere*, v. 11, p. 1-17, 2008.

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer – Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

BATISTA, Socorro Miranda Batista. Cultura Ribeirinha: a vida cotidiana na ilha do Combu-PA. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2011. São Luís. *Anais...* São Luís, 2011.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

DERGAN, João Marcelo Barbosa. *História, memória e natureza: as comunidades da Ilha do Combu-Belém-PA*. 2006. 217f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Christianne L. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). *Conexões*, São Paulo, v. 1, p. 1-14, 2003.

LEI 9.985 DE 18 DE JULHO DE 2000. Presidência da República-Casa Civil. Visitado em 20 de março de 2015

MARCELLINO, Nelson C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. *Lazer e Educação*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MATOS, L. S. Belém: do direito ao lazer ao direito a cidade. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Lazer e esporte: políticas públicas*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 117-139.

MELO, V. A. de. *A animação cultural: conceitos e propostas*. Campinas: Papirus, 2006.

SOUZA, Jorge Alex de Almeida. Relação entre o urbano e o ribeirinho no desenvolvimento do turismo em São Domingos do Capim. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12, 2007, Belém. *Anais...* Belém: ANPUR, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.